

MUITO BARULHO POR NADA

José Cutileiro

CHRISTOPHER MEYER

**DC Confidential
The Controversial
Memoirs of Britain's
Ambassador to the
US at the Time of
9/11 and the Iraq War**

Londres,
Weidenfeld & Nicolson,
2005, 301 páginas

Sir Christopher Meyer, diplomata de carreira, foi embaixador de Sua Majestade britânica em Washington entre Novembro de 1997 e Fevereiro de 2003. O Governo em Londres queria que ele lá ficasse até ao Verão, porque lhe convinha só mandar o seu sucessor para os Estados Unidos em Setembro e o próprio Meyers que, por razões familiares, insistira em sair em Janeiro, começava a sentir-se tentado a adiar a partida (a Guerra do Iraque estava a chegar) quando doença crónica grave de uma válvula cardíaca lhe foi diagnosticada e impôs regresso rápido a Londres. As passagens do livro que registam a reacção do Foreign Office à doença de Meyer são elucidativas da brutalidade da Administração de Londres para com os seus funcionários. (Julga-se que os ingleses são menos burocráticos do que os continentais mas o caso mais extremo que conheço de primado da burocracia sobre a pessoa, encontrei-o num regulamento do University College, em Londres: «Em caso de falta a exame por razões de saúde, um atestado médico – ou, se fôr o caso, uma certidão de óbito –, deverá ser apresentado»). O Foreign Office entendeu que o

preço pedido pela Clínica Mayo para uma operação à válvula era altíssimo; custaria metade num hospital inglês. Além disso, os especialistas que tinham revisto a história e os exames médicos mandados de Washington por Meyer acharam que não havia indicação operatória urgente. O embaixador deixou o posto em Fevereiro, e quando, meses depois, foi finalmente operado correu risco muito mais alto do que teria corrido antes, porque a válvula piorara imenso. Este episódio é bem contado – como quase tudo o resto no livro: a prosa é ligeira mas fluente e expressiva – e é também o único momento destas memórias em que senti simpatia pelo autor.

A diplomacia tem aspectos ingratos, notoriamente porque está associada a privilégios especiais de uma suposta vida de glamour que despertam reacções contraditórias no público e inveja noutros corpos do Estado. (Não há, que eu saiba, hotéis, modelos de automóveis ou marcas de cigarros que se chamem «Inspector de Finanças» ou «Director-Geral» ou «Tenente-coronel» – mas chamados Embaixador, Diplomata, Cônsul, não faltam por

aí. Estas coisas pagam-se.) A classe política desconfia também dos diplomatas, que não têm poder mas vivem cercados de sinais exteriores dele e o sentimento é recíproco – o parágrafo mais devastador sobre políticos parlamentares que me lembro de ter lido vem no diário de Sir Alexander Cadogan que os considerava ignorantes, arrogantes, fanfarrões e insensatos. (Era secretário-geral do Foreign Office no começo da guerra de 1939-1945 e o diário foi publicado postumamente.) A expectativas sombrias e estereótipos negativos os diplomatas podem apenas contrapor comportamento profissional exemplar – podem e devem, porque senão a sua capacidade de desempenhar o papel que as administrações nacionais lhes destinam ficará seriamente diminuída. Um dos ingredientes principais dessa capacidade é a discricção. Há coisas que se vêem e palavras que se ouvem que não devem ser trazidas para a praça pública, sob o risco de se deixar de merecer a confiança de quem conosco prive. Alguns casos exigiriam discernimento político se não tivessem sido filtrados antes por bom senso educado: trata-se, no fim de contas, de uma questão de maneiras. Aí Meyer falha escandalosamente – ou melhor, resolveu, no fim da carreira, com um lugar prestigioso assegurado em Londres e uma generosa pensão de reforma, ser desleal para com os seus antigos patrões.

A VINGANÇA SERVE-SE FRIA

O título do livro, de resto, já é indicativo: DC é o «District of Columbia», isto é, Washington; «Confidential» está estampado na capa como um carimbo num tele-

grama; o subtítulo chama às memórias «controversas». As indiscrições, de mau gosto e revelando também mesquinhez da alma de quem as comete, mais sobre a estética e estilo dos personagens visados do que sobre *faux-pas* políticos, tornam o livro embaraçoso de ler – qual o interesse em saber que Blair foi a Camp David com *jeans* apertados demais, ou que o cabeleireiro de Cherie Blair ficou esquecido num trajecto de helicóptero, ou que John Prescott fala um inglês pouco instruído, ou que Geoffrey Howe e George Shultz eram compinchas mas falavam tão baixo e em tons tão guturais, que às vezes não percebiam o que o outro estava a dizer – e por aí fora? Em matéria política, porém, Meyer tece uma crítica a Tony Blair. Argumenta que o primeiro-ministro britânico ficara tão deslumbrado com o tratamento de igual para igual que lhe oferecia George W. Bush que não aproveitara a sua posição de único aliado importante dos Estados Unidos quanto ao Iraque para obrigar os americanos a adiarem a invasão até ao Outono – o que poderia, inclusivamente, ter dado oportunidade de soluções não militares da crise. Esta crítica suscita duas objecções. Primeira, com o que se sabe do poder dos falcões americanos em 2002 e das medidas logísticas tomadas pelo Pentágono, não me parece que Blair pudesse ter tido influência dissuasora. Conseguira levar Bush a pedir (e obter) uma resolução do Conselho de Segurança, não julgo que pudesse alcançar mais. Nesses dias, Washington, se chegasse a ter de escolher, teria preferido ir à guerra sozinha a não ir à guerra. A segunda objecção é de outra natureza. Nada na descrição feita por

Meyer das conversas a que assistiu, em que participou ou de que soube directamente, indica que na altura achasse que se deveria esperar mais ou discordasse fundamentalmente do primeiro-ministro. De resto, se discordasse, poderia ter-se demitido: acontece raramente mas acontece – o falecido Evan Luard, mais tarde ministro num governo trabalhista, abandonou o Foreign Office em 1956 por discordar do ataque ao Suez. Mas Meyer era ele próprio a favor da guerra, em coerência com as suas preferências pessoais que iam para a direita pura e dura. Entre a muita gente que encontrou no desempenho das funções, fez amizade, por exemplo, com Karl Rove («o cérebro de Bush») como diz que às vezes lhe chamavam) e com Jesse Helms, o mais reaccionário dos (ex-)senadores americanos.

O livro lê-se bem e, embora a sua parte principal decorra quando o autor era embaixador em Washington – e ao 11 de Setembro se segue o crescendo que levaria à invasão do Iraque –, tem páginas sobre uma anterior estada sua na América, o seu tempo de conselheiro na Embaixada em Moscovo, o seu trabalho como assessor de imprensa de Geoffrey Howe e de John Major quando este era primeiro-ministro, os poucos meses que passou como embaixador em Bona em 1997 – onde conheceu a sua segunda mulher, Catherine, também

divorciada e também com dois filhos. Meyer adora e admira a mulher mas fala dela, das pernas dela e do seu amor por ela de maneira mais uma vez indiscreta, mesmo impúdica. De tal maneira que, num jornal inglês, um crítico acerbo do livro se queixou de que, apesar de tanta revelação, ficámos sem saber o que Clinton achava das pernas de Catherine...

MUITO BARULHO POR NADA

Quando, pela primeira vez, Blair vai a um jantar de trabalho com Bush na Casa Branca, Meyer protesta por o gabinete do primeiro-ministro o tentar excluir e explica-lhes, enfurecido, que, se não fosse ao jantar, nunca mais seria levado a sério em Washington como embaixador. Tinha toda a razão e acabou por ir. Infelizmente, depois de ler *DC Confidential*, conclui-se que, no caso dele, os áulicos paranóides e ciosos de poder de Downing Street tinham o instinto certo e teriam feito melhor se o tivessem deixado de fora. Apesar de louvado e apregoado por opositores convictos da guerra, *DC Confidential* nada adianta ao conhecimento já existente da Administração Bush entre o 11 de Setembro e os preparativos finais da invasão do Iraque e dá um golpe baixo ao prestígio da profissão do autor. **RI**

JANEIRO DE 2006